



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA VISÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS (OS): UMA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO

Gislaine da Nóbrega Chaves

Universidade Federal da Paraíba nchaves@hotmail.com

Resumo: O conceito de gênero tem inspirado estudiosas (os) em diversas áreas do conhecimento, trazendo à tona a necessidade de se pensar o campo da educação para além da luta de classes e em interseção com diversos marcadores sociais. Objetivou-se investigar as relações de gênero na visão de discentes de ambos os sexos de uma instituição de ensino superior (IES). Utilizou-se uma abordagem focada em uma oficina de pesquisa intitulada Gênero: o que é isso? A oficina sensibilizou discentes para a reflexão sobre as relações de gênero, possibilitando a discussão de práticas culturais sugestivas de relações de poder vivenciados no âmbito do espaço privado e como essas relações interferem em outros aspectos de suas vidas. Diferentemente dos homens, as mulheres não se perceberam como trabalhadoras. Esse fato sugere que algumas não vislumbram possibilidades de autonomia, ou preferem atuar estrategicamente nos espaços de poder, onde conseguem transitar com certa flexibilidade. O impedimento de a mulher cursar o ensino superior aparece no discurso dos (as) discentes como uma continuidade histórica e parece não se constituir em fato isolado. Esse dado é revelador da existência de relações de gênero e desiguais na sociedade, mas, também, de poder vertical, que, não raras vezes, interferem no desempenho e permanência de algumas discentes em determinadas atividades acadêmicas; entraves provocados por práticas machistas ancoradas no patriarcalismo, reforçadoras do modelo cultural androcêntrico.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de Gênero, Oficinas de Pesquisa, Educação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

A transição do século XIX para o XX se apresenta como um marco emblemático para a luta feminista no Ocidente, uma vez que as demandas das mulheres por educação e acesso a algumas profissões culminaram com a luta pelo direito ao voto; denominado de movimento sufragista ou de primeira onda do movimento feminista. Já a segunda onda, iniciada no final da década de 1960, se constitui no momento em que, além das preocupações sociais e políticas, haverá uma preocupação com as construções teóricas que propiciam os estudos da mulher e com desdobramentos que culminaram na elaboração do conceito de gênero, estando o referido conceito relacionado à história do movimento feminista contemporâneo (LOURO, 1997).

Aqui não é demais dizer que o breve contexto histórico apresentado propiciou mudanças do genérico substantivo mulher para o conceito de gênero, possuindo o termo mulher significado ambíguo. Por isso, já não se pode falar no sujeito mulher como expressão de uma identidade unívoca. As dissensões ocorridas no interior do movimento feminista, pela reivindicação de mulheres negras, indígenas, homoafetivas e pobres, revelam a impossibilidade em desconsiderar as diversidades de gênero, de classe, étnico-raciais e de sexualidade/orientação sexual (CHAVES, 2009). Esses recentes desdobramentos do movimento feminista, denominado também de terceira onda feminista ou de feminismo da diferença, inspirados na diversidade dos sujeitos, coincide com a disseminação do conceito de gênero no Brasil.

Para Scott (1990, p. 86), o conceito de gênero está relacionado à dimensão social e às relações de poder. Portanto, ela o apresenta em duas proposições: “(1) o gênero é elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Isso significa que o sexo e o poder se encontram imbricados nas relações de gênero, e, como bem afirma Saffioti (2003), gênero, classe e etnia se constituem no tripé por meio do qual se organizam as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desigualdades e se agudizam os conflitos sociais em nossa sociedade. Assim, segundo Chaves (2009, p. 23),

[...] passou-se a articular o conceito de gênero, a partir da década de 1980 e 1990, aos conceitos de classe, etnia/raça, geração, orientação sexual, na tentativa de compreender as várias estruturas e dinâmicas de desigualdade. Por isso, podemos considerar os estudos feministas como multidisciplinares, uma vez que focalizam diversas temáticas, práticas sociais e experiências de mulheres.

Essa visão panorâmica acerca do conceito de gênero nos faz refletir sobre a qualidade no ensino, bem como sobre a necessidade de aprofundamento desse conceito e de suas interseções no âmbito das instituições de ensino; da educação básica ao ensino superior. Portanto, quando pensamos na qualidade do ensino nessas esferas da educação formal não devemos prescindir de investir na formação política, social, técnica e humana de crianças, jovens, adolescentes e adultos, considerando suas múltiplas diferenças de gênero, de classe, de etnia, de geração, de sexualidade/orientação sexual...

Diante dessa breve contextualização socio-histórica, objetivamos analisar as visões de estudantes universitárias sobre as relações de gênero, focalizando alguns de seus desdobramentos, a exemplo de suas concepções acerca das masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, a questão que moveu a pesquisa foi a seguinte: quais as permanências, mudanças e rupturas presentes nas relações de gênero de discentes dos diversos cursos da IES?

Metodologia

Nossa metodologia fundamentou-se nas oficinas de pesquisa compreendidas como realidades planejadas, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema (CHAVES; STORNI, 2002). Participaram da oficina de pesquisa, intitulada Gênero, o que é isso?, dezessete (17) discentes de vários cursos de uma instituição de ensino superior (IES).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O objetivo dessa oficina foi problematizar como ocorrem os diversos tipos de discriminação de gênero, mostrando como as iniquidades de gênero afetam a qualidade de vida de homens e mulheres. Analisamos as relações de gênero, focalizando alguns de seus desdobramentos: masculinidades/feminilidades, tendo como contraponto sua interseção com os marcadores sociais de raça/etnia e orientação sexual com foco na diversidade de gênero¹.

A oficina, Gênero, o que é isso?, foi executada em dois momentos, porém devido a limites de espaço neste artigo, focalizamos apenas o primeiro momento² da oficina. Abordamos uma dinâmica sobre as relações de gênero, focalizando o binômio cultura/natureza, relacionado à construção estereotipada das feminilidades e das masculinidades que serão aprofundadas na próxima seção deste artigo.

Utilizamos a abordagem de pesquisa qualitativa e dialógica, pautada na escuta das narrações do grupo sobre suas práticas e experiências com as temáticas relacionadas ao conceito de gênero e as referidas interfaces. Escutamos as narrações sobre as relações de gênero e dialogamos com um grupo misto, contribuindo com suas reflexões e com seu processo de formação.

Resultados e Discussão

Contextualizando a primeira dinâmica da oficina, solicitamos que homens e mulheres escrevessem em duas colunas atributos relacionados a ser homem e a ser mulher. Os (as) participantes da oficina discutiram as denominações escolhidas, e invertemos os títulos das colunas para estimular nova reflexão. Problematizamos essa mudança no quadro elaborado pelo grupo sobre as relações de gênero, sensibilizando-as (os) para a reflexão acerca das visões estereotipadas sobre as masculinidades e as feminilidades³.

¹ Essas interseções foram aprofundadas no segundo momento da oficina, mas, dados os limites de espaço deste artigo, as relações de gênero em interseção com outros marcadores sociais aparecem apenas no transcorrer de análises gerais deste artigo.

² No segundo momento da oficina, trabalhamos outra dinâmica, a partir da leitura de pequenas histórias que focalizavam dilemas existentes nas relações cotidianas de homens e mulheres, a exemplo da homofobia na escola, da adoção e o desejo de ser pai solteiro, do preconceito étnico-racial e homofobia, das relações de gênero e classe social, assim como das relações étnicas e das expectativas de papéis masculinos e femininos. Nessas histórias, solicitamos das (os) participantes um complemento para seu final.

³ A referência inspiradora para realizarmos essa prática pedagógica foi o manual intitulado: *Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde*/Instituto Papai. Promundo; Salud e Gênero; ECOS; World Education. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

QUADRO I – ATRIBUTOS DE MULHERES E HOMENS

MULHER	HOMEM
Gostosa (M)	Trabalhador (H)
Dona de Casa (M)	Sensível (H)
Beleza (M)	Mandão (M)
Meiga (M)	Machista (H)
Mãe (M)	Possessivo (M)
Sensível (M)	Pai (H)
Inteligente (M)	Amigo (H)
Machista (M)	Ciumento (M)
Monumento (M)	Chorona (H)
Companheira (H)	Burro (H)
Mandão (M)	Necessário (H)
Machista (M)	Tudo de Bom (H/H)

Fonte: Oficina, Gênero, o que é isso?, realizada 2011, em uma IES.

Dentre os atributos citados pelas mulheres sobre elas, identificamos dois papéis tradicionais, o de esposa e o de mãe. Todavia, em nenhum momento elas ou eles atribuíram à mulher o papel de trabalhadora. Esse fato reflete que ainda vivenciam relações de poder desiguais, e algumas, talvez, sejam menos empoderadas que eles, mesmo estando inseridas no mercado de trabalho. O fato de elas não se enxergarem como trabalhadoras nos permite pensar em algumas chaves de leitura: elas são menos empoderadas que os homens, porque ocupam funções no mercado de trabalho menos valorizadas socialmente; algumas delas, ao



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não se enxergarem como trabalhadoras, também não vislumbram possibilidades de autonomia, ou preferem atuar estrategicamente nos espaços de poder, onde conseguem transitar com certa flexibilidade no espaço público e privado.

A inteligência foi mencionada por elas, revelando que pode existir uma tendência na visão das discentes, sobre elas próprias, a se enxergarem de maneira positiva. Ou ainda, esse dado pode revelar que elas, quando se autodenominam como inteligentes, estejam buscando reconhecimento, valorização positiva, e, concomitantemente, tentando romper com um estigma nas instituições de ensino que as qualificou como esforçadas, sobretudo em um espaço (IES) voltado para a produção de conhecimento acadêmico. Isso significa que a nossa visão sobre as competências e habilidades das mulheres precisam ser revistas e mais valorizadas - da educação básica ao ensino superior. Vale ressaltar que a despeito dos obstáculos na sua formação, as mulheres ingressam na universidade enfrentando o preconceito existente em suas famílias, no meio acadêmico e na sociedade. Apesar de o acesso à educação se constituir em um direito de todos, apenas recentemente um número maior de mulheres negras, indígenas e pobres tem ingressado na universidade.

Atributos que exaltam aspectos físicos, como gostosa e beleza, podem indicar que a mulher está mais sujeita aos apelos do consumismo, constituindo, juntamente com as crianças, os elos mais frágeis da rede mercadológica no sistema capitalista de produção. Esses apelos talvez sejam reforçados também no imaginário deles, quando dois discentes se referiram às mulheres como Tudo de bom. Os dados revelam, igualmente, que elas possuem expectativas relacionadas aos atributos físicos dos homens, quando os denominam de monumento. Já os homens, não se veem como gostosos e belos; esse dado pode refletir que na representação que fazem de si mesmos talvez sejam menos afetados pela sociedade de consumo que elas.

Aparecem também qualidades nas falas delas sobre elas próprias, a exemplo dos atributos de meiguice e sensibilidade, revelando o que se pode esperar de uma mulher chorona – qualidade mencionada por eles; imagem congelada no tempo, que não admite diversidade de comportamentos femininos e masculinos, já que nem todas as mulheres incorporam esses



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atributos em suas relações com o Outro, assim como essas qualidades podem fazer parte do universo masculino. Todavia, há lampejos de mudança nas expectativas masculinas, pois apesar de considerarem as mulheres como sensíveis e choronas, alguns as enxergam como companheiras; inclusive um deles, indignado, narrou o comportamento, que caracterizou como possessivo e machista, de uma colega que, em seu relacionamento afetivo, aceita os caprichos do namorado, permanecendo na residência dele, a sua espera, enquanto ele busca alternativas de entretenimento:

Ontem estava conversando com uma colega do curso de [X]⁴ e ela foi me pedir uma opinião sobre o seu relacionamento; o namorado dela a trata como se ela fosse um objeto, ela tem que chegar a casa dele às seis horas, quando ele chega do serviço, para tirar a calça dele, o tênis, a meia e ir com ele tomar banho. Depois, ela tem que ir para cozinha fazer a comida dele para ele ir à academia. Posteriormente, ele sai da academia e vai para as festas, e ela fica em casa esperando ele, e ele aparece só no outro dia. No momento que ele está com ela, a maltrata; e ela, como mulher, não tem voz e nem atitude, é o poder do macho, ele que manda nela. Essa menina, ela é independente economicamente, tem para onde ir, mas ela vive se submetendo a essa ação do namorado por dependência afetiva, ela acha [natural] que o homem que manda nela.

Os fatos narrados com indignação pelo discente revelam que as relações de gênero são relações de poder (SCOTT, 1990) que, não raras vezes, resultam em violência. Visibilizamos uma demonstração de força e poder sobre a discente que vivencia as relações de gênero. Percebemos o exercício de poder sobre a mulher. A mulher em situação de violência de gênero sente uma enorme dificuldade para romper com esse tipo de relação. Existem inúmeras situações que limitam esse campo de reação. Muitas vezes ela deseja romper, mas enfrenta uma série de ameaças que podem se efetivar, levando-a a morte. Esse fato não é algo incomum no cenário brasileiro. Variáveis como condição econômica e marco cultural também interferem na efetivação de rompimento com o agressor; não ter para onde ir, como sobreviver ou sustentar os filhos limitam as possibilidades de autonomia da mulher, ou mesmo. Outrossim, uma educação familiar ancorada em uma cultura androcêntrica pode retardar essa perspectiva de rompimento. Não se deve desconsiderar ainda o envolvimento afetivo que permeiam as relações de gênero e também interferem nessa decisão.

⁴ Omitimos a informação com o objetivo de preservar as privacidades.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os discentes parecem conviver com perspectivas de gênero que refletem uma continuidade histórica assentada no patriarcalismo e com outras que expressam uma tentativa de ruptura com os paradigmas tradicionais de gênero, já que alguns continuam a enxergar a mulher como chorona e sensível, mas também como companheiras. Dentre os atributos citados pelos homens, sobre eles, também constatamos papéis tradicionais, que são os de trabalhador e pai, indicativo que eles se veem nos papéis sociais de provedor e reprodutor. Todavia, os momentos de catarse vivenciados por eles revelam uma mudança no interior das famílias e nos relacionamentos íntimos. Inclusive, alguns se enxergam como amigos, dado esse que nos sugere uma relação de poder que está sendo modificada, tendendo à horizontalização. Como algumas delas, eles também são afetados pelo consumismo e, certamente, sofrem quando não conseguem atender a determinados padrões de beleza.

Outros se veem como machistas, possessivos, ciumentos e burros. Esse dado denota, potencialmente, certa conscientização acerca das relações de gênero hierárquicas e desiguais. Porém, a fala de um deles que partilha da crítica ao comportamento machista de alguns homens, aponta para uma concepção generalizante, quando considera os homens como necessários, já que existem mulheres que adotam o celibato, há aquelas que preferem chefiar suas casas sem a presença masculina, ou outras que constituem famílias homoafetivas.

Duas delas consideraram os homens como mandões e machistas, mas também os enxergam como monumentos. Essa visão não corresponde às expectativas de todas as mulheres, uma vez que muitas delas, inclusive por opção religiosa e diante de uma diversidade de circunstâncias, conseguem gerir suas vidas de outras maneiras, como já nos referimos anteriormente. Observamos que as mulheres, diferentemente dos homens, não se viram como trabalhadoras.

Durante a oficina, uma discente afirmou que se sentiu pressionada pelo marido, que sempre reclamava pelo fato de a mesma “se dedicar mais aos estudos que a casa e aos filhos”. Essa mesma discente participara de um projeto de pesquisa na IES, no ano de 2011, na condição de bolsista, mas, naquela ocasião, solicitou desligamento do projeto dadas as pressões do marido. Na oficina, ela argumentou:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ela falou sobre a questão da irmã que parou de estudar, meu caso não é igual, mas um pouco parecido, porque meu pai [marido] quando comecei a estudar não falava que não queria, mas ele colocava dificuldades. Por exemplo, reclamava da casa, da comida, reclamava de tudo, mas só que eu não desisti. Só que depois que eu reprovei em algumas disciplinas agora já nesse último ano, fiquei com problemas [psicológicos], foi que ele passou a mudar depois disso. Porque até então a reclamação era da casa, da roupa, só colocando dificuldades para eu não estudar, assim indiretamente.

A narrativa da discente demonstra que esse pode não ser um caso isolado e os exemplos de relações de gênero e poder vivenciadas por mulheres de variadas gerações se multiplicam nas narrativas dos discentes. O impedimento de a mulher estudar ou cursar o ensino superior aparece no discurso dos (as) discentes como uma continuidade na história de algumas famílias. Inclusive, esse dado é revelador de que a extensão, esfera responsável por aproximar a universidade da comunidade, ainda se encontra presente no espaço acadêmico como uma esfera marginal, haja vista que a mitificação existente na concepção de alguns sujeitos sobre o que seria esse espaço das IES, como ele é organizado e o que se faz nele gera uma série de tabus, a exemplo da suposta traição das mulheres:

Só um exemplo: quando você falou que as mulheres deixam de estudar por causa do companheiro, minha irmã, por exemplo, deixou de estudar por causa do namorado, que hoje é marido, ele disse para ela não estudar, porque iria se encontrar com outros homens. Outro exemplo é minha mãe; meu avô não deixou ela estudar, porque disse que ela iria achar namorado. Então, é isso: a mulher fica reprimida, minha mãe hoje sofre muito por não ter estudado.

A inserção das mulheres na universidade constitui uma possibilidade de qualificação profissional, e, potencialmente, contribui para o empoderamento das mulheres, para a sua qualidade de vida e de suas famílias. Todavia, outro discente mencionou o caso de uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher jovem que, ao concluir o ensino médio, não ingressou no ensino superior pela falta de incentivo do marido:

Eu tenho um exemplo, uma amiga da minha mãe terminou o ensino médio esses dias, minha mãe falou...por que você não faz faculdade? Ela disse que não, que o marido tinha falado que toda mulher que faz faculdade trai o marido.

Não se pode desconsiderar também que a inserção das mulheres e homens jovens das camadas populares na universidade se apresenta, não raras vezes, no imaginário de suas famílias como algo desejável, mas impossível de ser realizado pela histórica dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Isto porque, quando essas (es) jovens concluem o ensino médio, há a premência de trabalharem, quando já não trabalham desde a infância, para contribuírem com o orçamento familiar. Assim, esse espaço de construção do conhecimento lhes aparece como uma meta inatingível, inclusive porque a geração de seus avós e pais não teve acesso a ele.

Conclusão

A trajetória do movimento feminista – da primeira à terceira onda – demonstra como o movimento tem se configurado e reconfigurado, sobretudo quando incorporou demandas que, atualmente, carecem de aprofundamento para fortalecer os direitos das mulheres, considerando a interseção de gênero com os marcadores sociais de classe, raça/etnia e sexualidade/orientação sexual. Por isso, a concretização de uma educação de qualidade, além de se orientar pelos conteúdos inerentes às áreas do conhecimento, necessita inserir, efetivamente, nos currículos escolares o conceito de gênero como um dos elementos estruturantes das relações de poder nas diversas áreas do conhecimento, onde tal perspectiva possa ocorrer.

A extensão universitária, pouco valorizada no meio acadêmico, possui o papel não somente de levar às comunidades o conhecimento produzido na universidade, mas de aproximar as comunidades desse espaço, aprofundando a compreensão do significado das instituições de ensino superior; do que seria esse espaço das IES, de como ele está organizado e o que se faz nele. Por isso, a extensão deveria ser mais valorizada e captar mais recursos financeiros e profissionais como ocorre com a pesquisa, e, atualmente, com o ensino nas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

universidades do país.

Por meio das narrativas das (os) colaboradoras (es) da oficina, identificamos a existência de práticas violentas nos relacionamentos afetivos das mulheres. Ou seja, relações de gênero e poder vertical, que, não raras vezes, interferem no desempenho e permanência de algumas discentes em determinadas atividades acadêmicas; entraves provocados por práticas machistas ancoradas no patriarcalismo, reforçadoras do modelo cultural androcêntrico, e que merecem ser discutidas e analisadas. Os dados demonstraram que, diante de um cotidiano histórico de restrições e interdições, as mulheres lutaram e ocuparam espaço em diversos setores da sociedade, mas ainda existem inúmeras desigualdades de gênero que precisam ser eliminadas para que as mulheres em situação de violência de gênero possam viver e estudar com qualidade.

As discussões propiciadas pela oficina, com temáticas que dificilmente são problematizadas nas disciplinas obrigatórias dos cursos de graduação, impactaram socialmente o grupo colaborador, uma vez que esses sujeitos podem multiplicar as aprendizagens obtidas para outros espaços sociais. Todavia, cabe apontar um dos fatores limitantes dessa prática, pois as temáticas trazidas pela oficina, quando acontecem, revelam-se por meio de disciplinas optativas que ocupam um lugar de somenos importância nos currículos das IES do país, embora reconheçamos que, sob muitos aspectos, algumas instituições de ensino superior tenham avançado, a exemplo da qualificação de seus profissionais, da adesão às cotas sociais e da implantação de cursos de graduação com foco na interculturalidade.

Portanto, pensar no empoderamento das mulheres significa redimensionar nossa concepção de escola e da profissão docente, propiciando não somente o acesso, mas a qualidade no ensino, tendo em vista que na escola se consubstancia a dimensão social do fazer educativo. Por isso, faz-se necessário fortalecer o processo educativo, como afirmou Paulo Freire (1987), entrecruzando a leitura de mundo com a leitura da palavra, ou seja, nos reabastecendo com a realidade concreta de homens e mulheres de “carne e osso”! Nessa perspectiva, consideramos fundamental trazer o estudo das relações de gênero e suas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

interseções de classe, raça/etnia, sexualidade/orientação sexual... para o contexto das práticas didático-pedagógicas das instituições de ensino.

Ademais, considerando a localidade onde se encontra a IES, marcada pela diversidade cultural, reforçamos a necessidade de se retomar a discussão comeniana referente à relação conteúdo-forma, quando pensamos na articulação entre o campo teórico da História das Mulheres e das Relações de Gênero, articulando-o à diversidade dos sujeitos que fazem as universidades. Por isso, urge repensarmos o currículo escolar, do ensino superior à educação básica e seus desdobramentos na formação discente.

Referências

CHAVES, G. da N. **O Conceito de Gênero no MST: um estudo da sua produção escrita.** 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

CHAVES, G. da N.; STORNI, M. O. **T.O Aventurar-se na Própria Caminhada: desvelando histórias de leitura.** Disponível: <<http://br.monografias.com/trabalhos/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura.shtml>>. Acesso em: 1 ago 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Instituto Papai. **Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde.** Promundo; Salud e Gênero; ECOS; World Education. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturada.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B. Conceituando o gênero. *In: Gênero e Educação.* Caderno de apoio para a educadora e o educador. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Especial da Mulher. Prefeitura de São Paulo. Junho de 2003.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. V. 15, nº 2, jul. dez, 1990.